ANO 11.º — Sexta-feira, 1 de Novembro de 1918 — Numero 545

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

A vitória... alemã

Ei-la, enfim, heroicos germanofilos portuguêses!

Ei-la despontando já, rubradoirada, no horisonte enevoado das vossas patrioticas aspirações.

Ei-la, finalmente, tal como tinha de ser! Tal como não podia deixar de ser! Tal como havia de ser!

Os crimes hediondos, macabros, infames, covardes, dessa raça de bandidos, que pretendia fazer do seu interesse, da sua força, da sua desmedida ambição, a lei suprema que devia, de futuro, governar a Europa, tinham de ser punidos, e haviam de se-lo, porque ainda ha justos céus! Uma justiça imanente que intervem sempre que a medida maxima do despotismo, do arbitrio, da vilania, extravasa sem lei, sem peias.

Não se cometem impunemente tantas atrocidades, não se falta com tanto impudôr ao caracter, á lealdade, á honra, á palavra dada, sem um sentimento de revolta da humanidade inteira, sem que a propria natureza se constranja.

A Alemanha confiou demasiado na sua força e tripudiou infrenemente sobre póvos, cidades e tratados e, todavía, a Alemanha, e com ela os germanofilos de todos os paises, deviam ter a certêsa da sua derrota desde que a Inglaterra se colocou ao lado da França.

Ou não conhecem a historia nem a psicologia desse povo tenaz e prevident, desse forte povo de poucas palavras mas de acções decisivas e imediatas.

E isto era claro como agua, era facilimo de compreender e vêr.

A Inglaterra tinha de vencer e havia de vencer.

Era sabida e conhecida a fórma como a Alemanha procurava tomar o passo á Inglaterra, no dominio dos mares e na influencia comercial e industrial deste pais em quasi todo o globo, e, de muitos mercados já a Alemanha conseguira expulsar a sua rival. A luta travada era de morte.

A raça germanica, com uma natalidade assombrosa, extravasava do seu país para toda a parte, para todo o mundo, onde constituia colonias prosperas de milhões de emigrantes, que sempre se instalavam nas mais ricas regiões ou nos melhores mercados.

A grande pinose estendia pouco a pouco os seus braços gigantescos. Era a ameaça constante da sua actividade, da sua energia, da sua disciplinada vontade, apoiado ao mais formidavel exercito que paises civilisados tem creado.

Os dois colossos batiam se assim... pacificamente, mas batiamse. Eram os preludios do duelo, cujo epilogo está mais proximo do que se esperava.

Com um imperio colonial enorme, em toda a parte amsaçado pela Alemanha, cujo ponto de vista mais proximo era a revolução na India, com a apeada da Turquia e do caminho de ferro Berlim-Bagdad; com o seu comercio assediado pelo comercio alemão e a sua industria quasi batida pela alemã, que produzia peor mas... mais barato, a Inglaterra tinha de lutar até ao ultimo homem, até ao ultimo *penny*, para esmagar a Alemanha ou seria ela a esmagada.

Ora um povo como o inglês, com as suas tradições, com as suas qualidades e os seus recursos, não se deixa eliminar sem esgotar inteiramente esses recursos e como, em resistencia, em tenacidade, em meios de comunicação, em navios e mesmo em homens, eles eram superiores aos da Alemanha, que a Inglaterra, com a sua poderosa esquadra, encurralou logo aos primeiros disparos da guerra, seguese que a derrota da Alemanha era positiva, segura, inevitavel, fatal.

Se a Alemanha vencesse, a Inglaterra era eliminada: sem colonias, sem esquadra, isolada nos seus rochedos do Atlantico. Era um país morto.

Como os ñossos germanofilos se convenceram tão facilmente de que a Inglaterra se resignaria com uma passividade de fatalista a assistir á sua débacle de colossal imperio que tantos sacrificios e tanto ouro lhe custou para erguer, é que eu não sei.

A não ser que levemos a ingenuidade á conta de um pouco de desconhecimento da geografia, da historia, da etorografia, etc.

Humberto Beça

Serviço farmaceutico

Conservam-se abertas aos domingos todas as farmacias, enquano durar a epidemia.

SEMPRE OS MESMOS

Desde 5 de Dezembro—temos de confessa-lo—os da Vera-Cruz não estavam com os de cima...

Mas, o que está escrito tem muita força e vai daí, tudo prontinho para o triunfo da revolução.

Por aqui e por Vizeu andou na via sacra o *pilécas* a chorar *como num dia de sol a chover* e a dispôr tudo para o grande dia.

Apanhados os primeiros com a boca na botija, logo foi passado aviso para os outros não irem com as ventas á torneira, o que não se pouda fazer para toda a parte.

Iniciou-se, portanto, a matança, mas tudo morreu á nascênça, pelo que teve logar o inicio das averiguações e apuramento das respectivas responsabilidades.

Sim, isto não é só matar, envergonhar a Patria lá fóra e passar a todos nós diplomas de facinoras e de doidos.

Dois dęs mais *notaveis homens politicos, politicos republicanos* e *republicanos democraticos*, cá do burgo, foram presos e pouco faltou para se borrarem em corpo, porque em espirito, coitadinhos, não sabiam a que freguezia pertenciam. Interrogados, desfizeram-se em tantas explicações, em tantas afirmativas, em tantas promessas que chegaram a enojar—diz-nos alguem —com o evidente testemunho de tanta falta de caracter.

Nesse ponto, porêm, batiam certos porque estavam dentro do programa... familiar.

O *Bichêsa* chegou a jurar que nada mais diria contra a situação, contra qualquer cousa, emfim, que podesse ferir, atingir, mecher, tocar, bulir com o governo!

— Então nesse caso publique lá o canudo, disseram-lhe.

E ele:

— Muito obrigado, muito obrigado. Creiam V. Ex.^{as} que morri para a vida politica. Pódem crêr, pódem crêr.

E deixaram-no ir em paz, intrepido, erecto, cumprimentando para a direita e para a esquerda, tal qual como o outro...

Sempre os mesmos e agora... com os de cima!...

OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

Se é certo que por todo o país reina a ordem mais completa, por todo o país tambem está ainda viva, muito viva mesmo, a impressão dolorosa causada pelo anti-patriotico movimento que um grupo de fanaticos se esforçou por fazer vingar na manhã do dia 12 do corrente.

Sem outra preocupaçăó mais do que restaurar uma situação que caíu vitima da sua propria obra de desmoralisação e desatino, esse grupo propunha-se lançar o país numa das mais terriveis conflagrações internas que a nossa historia tem registado.

Essa era a ideia dominante, persistente e a ela tudo se sacrificava e sacrificou—vida, familia, dinheiro!

E' profundamente desanimador, digno da maior lastima, que o sectarismo ensandeça assim, não dizemos já quem pela sua instrucção deficiente e má se deixe vencer, mas aqueles que, pelos seus conhecimentos e educação, vão arrastados pela vertigem perigosa da paixão, do odio, até onde nunca deveriam chegar.

Tudo quanto de mau possa resultar para a Patria, são para eles sómente cousas com as quais nem vale a pena perder tempo, pezando e discutindo-as. Ainda que os actos tumultuarios, manifestos e claros indicios dum desvarío morbido, que se torna absolutamente preciso extinguir; embora tão repetidos e sangrentos acontecimentos nos possam colocar fóra da consideração e respeito que merecemos ao mundo civilisado; se é, sob todos os pontos de vista, condenavel assassinar irmãos, cometer barbaridades, enlutar familias, multiplicar o numero de orfãos e de infelizes para o triunfo apenas de homens que ha tanto dominando, por isso mesmo se perderam, é indispensavel para a salvação da Patria que se ponha, de uma vez para sempre, côbro á repetição de esses movimentos, visto que os agitadores só âgem impulsionados pela sua paixão, desvairada e barbara.

A hora que se aproxima e ainda aquelas que vivemos, são duma gravidade que todos os bons portuguêses devem pezar, unindo-se como um só homem para que Portugal possa saír, seguro e forte, consagrado e grande, do formidavel tribunal que hade julgar da acção e do valor de todos.

Tenhâmos a convicção do dever, a compreensão nitida da nossa situação e a imperiosa necessidade de que a todos cumpre a sagrada missão de concorrer para que o país possa ser considerado como lhe compete, pela grandeza de seus filhos e pelo brilhantismo inegualavel da sua historia.

Enquanto tudo isto impéra no animo dos povos que mais tem sofrido com a guerra, com o seu solo invadido, arruinado; milhares de povoações devastadas, martirisados no corpo e na alma, nós, por uma ridicula questão de homens, lançamos a Patria nas mais perigosas e indignas das convulsões, matando-nos deshumana e barbaramente!

A asfixia que inutilisou a inoportuna tentativa por parte das medidas do governo, foi poderosamente auxiliada por o vacuo que se fez em volta dessa loucura, que só encontrou aplauso entre aqueles que, dominados pelo personalismo, julgam dever sobrepôr aos interesses da Patria até a sua propria existencia, o mesquinho triunfo das suas alucinações!

Chegou, porêm, a hora a que a todos esses propositos se tem de pôr ponto custe o que custar.

Acima de homens, acima de partidos, está a Patria!

Gregos e troianos disto se convençam para proveito de todos e salvaguarda da nação.

Mas se assim não o entenderem não classifiquem de violencias os actos que as suas proprias e autenticas violencias exigem.

* * *

Por todas as partes onde mais se produziu a agitação, continuam as autoridades procurando apurar responsabilidades.

Para isso as tem ajudado imenso na sua tarefa a cobardia, a repugnante falta de caracter dos que nessa tragedia tenham maior quinhão.

O chefe supremo do movimento, o advogado José Domingues dos Santos, deu conhecimento completo á policia não só das suas proprias responsabilidades como de todo o plano revolucionario, nos seus mais insignificantes detalhes, apontando nomes, citando individualidades. Acompanham-no na delação os dirigentes dos vários grupos que haviam de promover a alteração da ordem nos diferentes pontos do distrito do Porto e tambem nos concelhos do norte, que era o inicio da revolução. Ao capitão Alegro, esses chefes teem denunciado todo o plano dos revolucionarios, que estavam providos do armamento indispensavel e tambem de alguns milhares de bombas, cujo fabríco, para o norte, era feito em Espinho e mandadas para o Porto, sendo depois distribuidas para as diferentes localidades aos *comités* devidamente organisados.

Devido, pois, ao aturado esforço e tenacidade daquele funcionario e dos seus auxiliares, a policia está de posse de todo o segredo da conjura, tendo já sob a alçada da lei grande numero de individuos das classes civil e militar nesta comprometidos e procurando outros que, ao verem o fracasso, conseguiram escapar-se.

Nada póde haver mais notavel de confiança e orgulho para todos os implicados na condenada ocorrencia, do que a atitude dos seus chefes e dirigentes, como se vê.

* * *

Em Aveiro, foram detidos durante algumas horas os *democraticos* Firmino de Vilhêna, Silverio Barbosa de Magalhães e o sr. Antonio Felizardo, encontrando-se tambem detido á hora que escrevemos o amanuense do govêrno civil, Francisco Ferreira da Encarnação.

Conduzidos para o Porto, onde ainda se encontram, seguiram os srs. capitão-tenente Rocha e Cunha, e o capitão do quadro dos reformados, Belmiro Augusto Duarte Silva.

Os nossos conterraneos, feridos quando do conflito havido por ocasião da condução dum numeroso grupo de presos, informam-nos que continuam melhorando, não oferecendo a gravidade que a principio se julgava, o seu estado. Os outros que foram para Lisboa, tambem se encontram em S. Julião da Barra, aguardando os interrogatorios a que deverão ser submetidos.

A cidade continúa sendo patrulhada por soldados de cavalaria, não tendo ocorrido, até á data, qualquer incidente.

Dos sargentos que aqui dissémos estarem detidos para averiguações, acabam de ser postos, alguns, em liberdade, estimando que o mesmo aconteça aos outros presos o mais breve possivel.

* * *

Parece assente que os interrogatorios dos presos politicos serão feitos por autoridades militares: os coroneis Franco e Vasconcelos, dividindo-se os detidos em grupos: oficiais, praças de *pret* e civis.

Julgados por tribunaes militares, o governo dar-lhes-á, por fim, o destino que julgar mais conveniente.

Petroleo e gazolina

No Tejo está á descarga um grande vapor que traz para os postos da *Vacuum Oil Company* 1.631:060 galões de petroleo e 579 mil de gazolina.

No Porto tambem está á descarga um grande vapor com um importante carregamento desses dois produtos, ficando assim durante alguns meses garantido o abastecimento do país.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques de *Valeriano*, e no da Praça Marquez de Pombal

DE PASSAGEM

Com curta demora estiveram nesta cidade e não se esqueceram de procurar saber do estado de saúde do nosso director, por quem mostraram interessar-se, o sr. José Pinheiro da Rocha e sua esposa, a gentil aveirense D. Augusta dos S. Freire.

Muito reconhecidos pela sua amavel deferencia.

Portuguêses!

OS PRISIONEIROS DE GUERRA PASSAM PRIVAÇÕES

Envíai á *Junta Patriotica do Norte*—Paços do Concelho, Porto—géneros ou roupas, que esta os fará chegar ao seu destino.

"O Democrata,,

Devido aos muitos afazeres do nosso director que, apezar de doente, não tem tido um momento de descanço, dedicado, exclusivamente, aos seus deveres profissionaes, deixou de saír, na sexta-feira passada, este jornal, falta que esperamos nos seja relevada pelos nossos presados assinantes.

E como a anormalidade da época que passa ainda é susceptivel de motivar futuras irregularidades, que, no entanto, havemos de vêr se evitâmos, desde já pedimos que no-las desculpem com a certeza absoluta duma compensação a que não saberemos faltar.

Distinções

Tendo alguns oficiais e praças de marinha de guerra francêsa, em serviço no Centro de Aviação de Aveiro, prestado relevantes serviços a Portugal na montagem do mesmo centro, em ataques a submarinos inimigos e na vigilancia da nossa costa maritima, foram agraciados com a 3.ª classe da Ordem da Torre e Espada o 1.º tenente Maurice Larrouy, com a 4.ª classe o guarda-marinha de 1.ª classe François Maurice Joseph Seydier de Tiesefim, com a 4.ª classe da Cruz de Guerra, o guarda-marinha de 3.ª classe Jean Olivier Mane Lucas, marinheiros de 3.ª classe pilotos aviadores Jean Charles Marie Trivier e Ramond Emile Sehwab, mecanico observador Clovis Hasland e observador Louis Aimé Jean Honsdier.

A EPIDEMIA

A Delegação de Saúde não toma providencia alguma em proveito publico

Não resta duvida: por infelicidade de todos nós, tem-se nos ultimos dias registado um maior numero de casos epidemicos, sendo alguns fataes, o que, com toda a razão, traz alarmada a cidade inteira.

E' certo que a dedicação e boa vontade de determinados medicos tem sido inexcediveis. De entre eles temos de distinguir, com toda a justiça, o dr. Lourenço Peixinho, que acumula com os seus serviços clinicos, outros encargos como o de presidente da Comissão Administrativa Municipal, medico do Regimento de Cavalaria e o de Provedor da Misericordia, onde se encontram hospitalisados mais de 100 doentes, alguns deles atacados de variola, que para maior calamidade aí tambem apareceu.

E' evidente que as funções de dois daqueles cargos se acham intimamente ligados com as medidas e cuidados que a saúde publica exige e daí a pesadissima tarefa que, numa persistencia tenaz, tem o referido clinico desempenhado.

Mas se aos doentes não tem faltado medico nem medicamentos, em grande parte devido ao esforço dos farmaceuticos, bem digno de especial registo; se aos indigentes não tem faltado hospitalisação rodeada de todos os confortos e cuidados que a sua situação exija—dizemo-lo em abono da verdade—é certo que pela Delegacia de Saúde não tem sido tomada a mais leve providencia para combate do flagelo que todos os dias nos surpreende, arrancando nos

do convivio uma, duas, tres pessoas queridas e amigas!

Ora, francamente, isto não póde continuar assim e ninguem veja nas nossas palavras a mais insignificante vontade de ferir quem quer que seja. Nós apenas referimos o que toda a cidade está vendo, o que todos nós sômos testemunhas oculares.

Demais, o momento profundamente emocionante que atravessâmos, não é para retaliações nem tal nesta hora cabe nestas palavras.

O que vimos pedir é que se empreguem todos os esforços no combate contra o mal que, sem distração, está semeando a morte, o luto duma maneira que bem merece que nisso reparem todos quantos, além do dever que para isso tem, se devem esforçar para que não sejam vitimas dele, extinguindo-o dentro do mais curto praso de tempo.

Em Braga, Viana do Castelo, Coimbra, Figueira da Foz, por toda a parte as autoridades sanitarias teem tomado publicas providencias no intuito racional e humano de combaterem a propagação da epidemia, que parece querer subjugar-nos a todos.

Desde a queima de alcatrão pelas ruas, tambem lavadas a mangueira por piquetes de bombeiros que constantemente se revezam nesse serviço; desde a distribuição de indicações impressas pelos habitantes á proibição absoluta de varrer casas e passeios, sendo tudo passado a panos molhados; queima de plantas rezinosas e alcatrão no interior das habitações, junto ao lançamento de desinfectantes nas retretes, urinoes, etc., tudo isto sabemos que tem sido recomendado e executado por muita parte.

Aqui, porêm, não se tem dado um passo, sequer, nesse sentido e assim, com gráve prejuizo de todos nós, vão os dias decorrendo.

O *Janeiro* publicou uma carta, lembrando que em 1852, por ocasião da epidemia do colera morbus, quando as vitimas, pouco depois de fulminadas, logo entravam em decomposição, a Câmara mandou queimar, em noites sucessivas, bastantes barricas de alcatrão em todas as encruzilhadas das ruas e tambem nas praças publicas, sendo certo que em 15 dias a doença desaparecia.

Em Bordeus e outros pontos da França, quando se manifestou uma invasão epidemica do mesmo caracter, foi seguido o mesmo metodo de saneamento, com os melhores resultados.

Ora porque se não repete hoje o que ha tantos anos foi feito com os melhores e mais praticos resultados?

Não será azada a ocasião para o emprego de tudo que a sciencia e a experiencia aconselham?

Chamâmos a atenção das autoridades sanitarias e do sr. governador civil para que sejam tomadas todas as providensias que a situação exige em proveito da saúde publica.

E taes providencias, pela sua facil execução e proveitoso resultado, não se devem fazer esperar.

HUMANIDADE... REVOLUCIONARIA

—==(*)==—

Dizem os jornaes do Porto:

> Estando já de posse de todo o plano dos revolucionarios, o sr. Solari Alegro acaba de saber que os conjurados haviam chegado a ensaiar o fabrico de bombas com gazes asfixiantes, trabalho que não foi coroado do melhor exito, visto que não deu o resultado que esperavam.

Contudo, o que ha a registar a letras de oiro, é a manifesta humanidade dos grandes e patrioticos revolucionarios!

Pelo que se vê, são dignos da admiração e agradecimento por parte dos que não puderam assassinar entre as torturas da asfixia e do envenenamento!

E nós aqui a gritarmos contra os alemães, contra as suas atrocidades e contra tudo de que lançavam mão para aniquilar os adversarios!

No caso presente não ha razão para protestos...

A aplicação era destinada a irmãos, filhos da mesma mãe patria, falando a mesma lingua, aquecendo-se ao mesmo sol!

E para quê?

Para guindar as mesmas marcas, uma determinada colecção de tipos, ao Capitolio!...

A isto se chegou.

De Moçambique

—==(*)==—

NOTAS E IMPRESSÕES

Nesta hora de sacrificios para todos, vejo coisas do arco da velha que me fazem ralar a paciencia de jornalista indigena, apesar de não ter desejo de me vêr envolvido em grandes embaraços.

Aqui dão-se coisas que só servem para entreter melhor a vida. A maior parte dos habitantes discordam da criação do adicional do imposto de 5 p. c. nos géneros alimenticios, 50 p. c. sobre os direitos de exportação, 30 p. c. sobre importação diversa e 20 p. c. sobre a contribuição industrial.

Como jornalista não concordo com o facto de sobrecarregar com mais impostos os géneros alimenticios, já caros e dificeis. Entendo, a meu vêr, que os géneros alimenticios, ferramentas de qualquer qualidade, medicamentos, aguas minerais, vinhos de pasto nacionaes, máquinas industriaes, agricolas, sementes e gado para reprodução, deviam estar isentos de quaesquer direitos e o resto com o adicional de 50 p. c., sem distinção. Isto seria suficiente para haver um grande aumento nos réditos da câmara, segundo se vê pelas estatisticas aduaneiras do ultimo ano economico. Parece-nos que a ideia da câmara não era agravar a vida economica do povo, que, queremos crê-lo, está animada das melhores intenções. Mas regrar a vida e metodisar os serviços financeiros duma instituição, não é vender arroz, batatas, milho, amendoim, mandioca a pretos... macuas. Isso são coisas bem dificeis. Não é estar a beber copos de cerveja na casa Rife Fernandes & Batista, ou na de João Ferreira dos Santos & C.ª

* * *

A vida em Moçambique cada vez está mais dificil, especialmente para os pequenos funcionarios e o operariado em geral. Em muita parte reina o arbitrio, impéra o cáos administrativo. E' constante a subida de preços de géneros, ha falta de trocos e quanto a fazendas para fatos, vestidos e panos, nisso nem se fala. Um verdadeiro escandalo!

A crise das subsistencias faz-nos supôr que o pangermanismo foi que criou a exploração iniqua á custa da guerra, que ele provocou com o fim de dominar o mundo inteiro.

Admiram-se?

Se houvesse uma fiscalisação rigorosa, com certeza a falta de arroz da terra, milho grosso e fino não se faria sentir no mercado, porque estâmos na época da colheita desses géneros e os artigos estão armazenados para o comercio asiatico especular mais tarde com eles, visto não existir uma nova tabela que os aumente de preço para contentar os exploradores.

Entrâmos no caminho da negociata!

Ha comerciantes que por não haver uma tabela que lhes agrade, vendem pelos preços que entendem os géneros da terra, no intuito de ganharem o maximo em pouco tempo.

* * *

A vinda dos dois medicos pretos com posto de tenente, deu origem a comentarios e discussões a que brevemente aludiremos.

Provar-se-á assim que a igualdade não é nenhuma treta da constituição e que os meritos dum homem estão acima de tudo? Cá em Africa, hoje, a maior parte dos homens arreigados aos costumes monarquicos ainda odeiam o preto, quer ilustrado quer ignorante.

* * *

A corporação da policia local carece de uma profunda reforma, visto que está composta de elementos que nos envergonham, especialmente aos olhos do estrangeiro.

C. B.

Esclarecendo

—==(*)==—

Como se espalhasse ter sido um *truc* da policia civica de Lisboa, o assalto e agressão feito á força que conduzia a leva de presos politicos para um determinado logar, o govêrno fez publicar o seguinte documentos, que espontaneamente lhe foi entregue:

> Auto de declaração—Aos deseseis de outubro de mil novecentos e dezoito, o secretario de finanças do concelho de Alemquer, Luiz Eduardo Magalhães, tendo involuntariamente, por indisposições locaes e pessoaes, sido preso na repartição a seu cargo no dia quatorze do corrente, pelas treze e meia horas, pelo sr. administrador do concelho, que tambem prendeu na mesma ocasião o fiscal dos impostos Augusto Lopes, que conservou incomunicaveis, mandando em seguida fazer buscas domiciliarias, conduzidos em seguida a Lisboa sob custodia e fazendo entrega deles no governo civil, onde foram internados no calabouço n.º 9, sem que um e outro tivessem conhecimento, como ainda hoje não teem, do motivo porque foram presos, sucede que, devendo ser conduzidos a um forte, onde deveriam ser inquiridos, na melhor ordem e com a maior disciplina, foram os mesmos, assim como todos os presos politicos, recolhidos em diversos calabouços, acompanhados de uma força da policia civica de Lisboa, e ao chegar em frente da rua Vitor Cordon, de uma casa que faz esquina para a rua ou travessa do Ferrugial, presenceou que das janelas e da propria travessa foram disparados talvez mais de quinhentos tiros sobre a leva de presos politicos e sobre a força da policia civica, tendo de reconhecerem que se não fosse a defeza empregada pela mesma força teriam sido mortos todos os presos e a referida força, acto este que indignou os mesmos presos e que os leva a fazer um protesto energico contra a violencia empregada, levando-os a vir por esta fórma apresentar a sua adesão ao governo por considerarem como anti-republicano o acto que a todos ia vitimando, pelo que lavram a presente declaração com complemento de outra que vae ser apresentada pelo advogado sr. Luiz José Gomes (de Lisboa), facto este que o mesmo advogado já fez tambem verbalmente ao ex.mo sr. secretário de estado do interior. — Luiz Eduardo de Magalhães.
>
> Em tempo: declara mais que presenceou que de uma das janélas superiores do referido predio foi arremessada uma bomba, que explodiu no meio da coluna dos presos politicos e da força quando estas já estavam paradas em sua defêsa, e por isso vae assinar, assim como os cidadãos que concordaram e me pediram para fazer este protesto.

Entre as 55 assinaturas que se seguem, encontram-se as dos srs. Bernardo de Sousa, Torres e Virgilio Armando Duarte Silva, desta cidade.

A quem competir

Os preços da carne e do leite

Não ha duvida que écoou profundamente no espirito público as verdadeiras e justissimas considerações que inserimos no ultimo numero deste jornal, a proposito desta questão, que tão intimamente se liga com a vida e economia publicas, nomeadamente neste momento de indiscutivel e insofismavel tortura para todos nós.

Indubitavelmente não queremos o prejuizo de ninguem; mas não toleramos sem o mais veemente protesto, que estamos resolvidos a levar até onde seja preciso e por que meios se torne necessario e eficaz, não toleramos sem o mais energico protesto, diziamos, que sob falsos pretextos se lance sobre o povo exausto e expoliado por diferentes fórmas, mais uma contribuição pezadissima, especialmente — e nisso é que está o cumulo da deshumanidade — sobre o que mais precisa e que lhe torna na hora angustiosa de peste e de miséria que lhe invade o lar.

Abaixo publicâmos uma carta que por absoluto corrobóra quanto sobre este momentoso assunto escrevemos. E, deixem nos falar com toda a franquêsa: a quem compete intervir imediatamente nas providencias a tomar e nas averiguações a proceder, lembramos que a situação, infelizmente calamitosa sobre todos os pontos de vista, não permite compadrios nem favoritismos de qualquer especie.

Neste ponto estamos de acordo com as palavras que a aludida carta encerra, e aguardamos em nome dos interesses do povo desta cidade, que este jornal legitimamente protege, porque sempre os tem procurado defender dentro dos seus principios e bôa vontade, as providencias que devem resultar da pronta e eficaz intervenção de quem de direito lhe cumpre faze-lo.

Segue a carta:

> Aveiro, 21—X—18.
>
> ... Sr. Redactor
>
> Mais uma vez o seu apreciado jornal trata dum caso, que, pelo que vejo, se não fôsse a atitude de v. ficaria no numero das cousas esquecidas, embora tão dignas de serem devidamente estudadas e discutidas.
>
> Refiro-me á exorbitancia do atual preço da carne de vaca, que sem a mais pequena razão justificativa, aumentou seis vinteus em quilo. Diz v. muito bem e diz uma grande verdade: o gado não subiu de preço, antes, por conhecimento proprio, ele em algumas feiras não tem tido procura por a falta de pastos que tem havido.
>
> Vacas leiteiras, sim, essas tem sido procuradas e adquiridas por preços alguma cousa mais altos, mas não exagerados. De resto o preço do gado é precisamente o mesmo que ha muito tempo se tem mantido. Não ha, pois, em indiscutivel verdade, razão alguma para a violencia, para a extorsão feita á já tão espoliada algibeira do consumidor.
>
> E' preciso, é absolutamente necessario que a autoridade intervenha, sem demora, neste assunto de capital importancia.
>
> Se a teimosia e a ganancia—unicas razões para o aumento discutido—não se renderem, tomem-se as devidas providencias, que pódem ser muitas, a principiar pela proibição do despacho da quantidade enorme de carne que daqui é expedida diariamente para o Bussaco, Luzo e outras localidades. Mas não se faça o que se fez com o peixe, que, proibida justificadamente a sua exportação, passados dias se levantou e de novo ficâmos desprovidos desse alimento, pois todo quanto vem ao mercado, é comprado por todo o preço, varre, nada ficando aqui do que se possa dar a um doente ou a quem precise.
>
> Isto é espantoso, mas é desgraçadamente verdade!
>
> E quem açambarca, por todo o preço, esse peixe e o exporta?
>
> E' um negociante de carne, que se locupleta de duas fórmas: tira-nos o peixe, ganhando na sua exportação, e força-nos a irmos comprar-lhe a carne, ganhando na sua venda. Ora talvez, seja esta uma das razões justificativas da elevação do preço da carne, numa semana, seis vintens em cada quilo!
>
> Tem, pois, v. o meu mais decidido aplauso na campanha iniciada em proveito do povo, roubado por todos os processos, sugado por todos os malandros sem alma nem piedade.
>
> Antes de terminar permita v. que eu lembre á presidencia da Câmara a necessidade imperiosa, em nome dos famintos e torturados por toda a especie de doença e de miséria, a humana conveniencia de acabar com tantos abusos.
>
> Suplico a v. que não abandone esta questão e com o meu aplauso e auxilio poderá contar, ainda que modestos.
>
> Sem mais por agora, subscrevo-me
>
> De v. etc.,
>
> **Um explorado**

* * *

O sr. Comissario de Policia já interviu na questão do leite, estabelecendo o preço maximo de 16 centávos o litro.

Aplaudindo e agradecendo as prontas providencias de s. ex.ª, seja-nos, porêm, permitido declarar que tal preço é ainda elevado.

Isto mesmo o reconhecem algumas das vendedeiras mais humanas e menos ganânciosas.

O leite foi vendido a 5 e 6 centávos cada litro e nunca faltou. Justamente porque os epidemidiados, em grande numero, agora dele precisam, logo foi elevado o seu preço.

Mas temos esperança que brevemente tudo isso acabará...

NECROLOGIA

Faleceu em Hendaya, vitimada pela epidemia reinante, a snr.ª D. Maria Machado, gentil filha do sr. dr. Bernardino Machado. Toda a familia do antigo chefe do Estado se encontrava enferma á data das ultimas noticias, conservando-se apenas o snr. dr. Bernardino Machado de pé, embora muito abatido. O cadaver da snr.ª D. Maria Machado foi embalsamado, para que sua mãe, que está tambem enferma, o possa vêr.

* * *

Nesta cidade finou-se o sr. José Pereira, viuvo, capitalista, de 82 anos, vitimado por uma lesão cardiaca.

Deixou testamento, legando a sua importante fortuna ás suas duas unicas filhas e contemplando com dois contos cada um dos seus netos.

* * *

Vitimado por um ataque fulminante de bronco-pneumonia, morreu tambem o sr. Francisco Maria dos Santos Freire—o *menino bento*—solteiro, de 40 anos, empregado nas Obras Publicas deste distrito.

A sua morte, por inesperada, foi assaz sentida, pois era um homem sádio e robusto, fazendo muita falta á população piscatoria, de quem era um dedicado amigo e protector.

* * *

Tambem, vitimado pela grippe epidemica, faleceu o funileiro João da Silva Moraes—o *Páscan*—casado, de 53 anos, tipo popular, estabelecido ha longos anos na rua Direita.

Deixa viuva e filhos em precarias circunstancias, apezar de ter sido um incansavel trabalhador toda a sua vida.

* * *

Aos estragos duma pneumonia gripal deixou de existir egualmente, a menina Aurora Augusta Rebelo, filha unica, muito estremecida, do snr. José Augusto Rebelo, gerente do deposito de bicicletas do Largo do Espirito Santo.

* * *

Em Boticas, onde desempenhava as funções de escrivão de direito da respectiva comarca, faleceu, vitimado por um ataque pneumonico, o nosso conterraneo Nephtali João dos Reis, filho do negociante desta praça sr. Domingos João dos Reis e irmão do advogado e nosso presado amigo dr. André dos Reis.

* * *

Em Lisboa faleceu tambem o velho republicano Faustino da Fonseca, de 43 anos, natural de Angra do Heroismo.

Tinha uma cadeira no Senado, ha pouco dissolvido, tendo sido um denodado combatente pelo ideal republicano, que lhe custou várias vezes temporadas de prisão, sem abalo, porêm, para a firmeza das suas convicções.

Escreveu algumas obras e foi director da Bibliotéca de Lisboa.

Tomou parte activa no movimento de 31 de Janeiro e póde dizer-se que o seu nome figura entre os dos mais fervorosos trabalhadores pela Republica.

Escrevemos, comovidos, estas palavras porque assistimos ao desaparecimento prematuro dum dos mais devotados e sinceros democraats.

* * *

De Arcos de Val-de-Vez dizem-nos que faleceu o sr. Carlos Alberto Ferreira de Eça e Leiva, filho do tenente-coronel José Alfredo Ferreira de Eça e Leiva, já morto tambem, e irmão do sr. João Ferreira de Eça e Leiva, sub-chefe fiscal dos impostos.

Os nossos sentidos pêsames ás familias enlutadas.